O General Carlos Ribeiro: Recordações da Mocidade

Camilo Castelo Branco

MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

O General Carlos Ribeiro: Recordações da Mocidade

Camilo Castelo Branco

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

O GENERAL

CARLOS RIBEIRO

(Recordações da mocidade)

por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Porto
Livraria Civilisação
de
Eduardo Da Costa Santos--Editor

MDCCCLXXXIV

O GENERAL CARLOS RIBEIRO

A propriedade da primeira edição d'este livro pertence, no imperio do Brasil, aos srs. Faro & Lino, proprietarios da Livraria Contemporanea, moradores na rua do Ouvidor n.º 74--Rio de Janeiro.

O GENERAL

CARLOS RIBEIRO

(Recordações da mocidade)

por

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Porto
Livraria Civilisação
de
Eduardo Da Costa Santos--Editor

MDCCCLXXXIV

AO VISCONDE DE BENALCANFOR

Meu querido Ricardo Guimarães.

Recebe a dedicatoria d'este folheto como um cartão de despedida. Vou-me embora.

Naturalmente, escreverás dez linhas sinceras da minha necrologia. Dize que fui teu amigo trinta e seis annos; e que, á medida que eu ia lendo as tuas prosas progressivas e remoçadas, nunca pude imaginar que tivesses envelhecido.

_Folgo de te não vêr ha muito tempo. Imagino que te deixo rapaz engrinaldando os festoens das tuas primaveras de ha trinta e seis annos para os offereceres aos nossos 50:000 leitores--um rico auditorio! Continua tu a ministrar-lhes os teus cabazes de flores, visto

que, por impedimentos especiaes de regimen e outros estorvos complicados de engrenagens financeiras, não podes deitar-lhes perolas._

Adeus, Ricardo. A Chimica subterranea espera a minha alma. Vou mineralisar-me. Levo apenas, como saudade, uma flecha de luz reflexa do nosso passado, que me não deixa ir contente ao meu destino de azote, amoniaco e outros gazes. É a nostalgia dos teus e dos meus folhetins de 1854. A proscripta ignominia do carroção do Torto--aquelle toiro de Phalaris, puxado a vaccas--que então esbatemos para a treva medieval, em outro paiz dar-nos-ia a celebridade immorredoura de Guesto Ansur, o salvador authentico das cem donzellas lusitanas tributadas ás prezas obscenas do khalifa. Tambem nós, visconde, salvamos centenas de donzellas portuenses das orgias do execravel defuncto «Manoel José d'Oliveira»--aquelle Mauregato coiraçado, com espaduas alcatroadas, musculatura de um lenho rijo e inflexo como os braços da forca, e articulaçoens de cobre azinhavado, onde eram contundidas as carnes virginaes. Se não fomos nós, quem foi que remiu das contusões e d'aquelle fôro ignobil as meninas portuenses, actualmente allodiaes e intactas, salvo seja, nos seus quadris e nas suas espaduas? Pois tens acaso noticia de que o Oliveira Martins, no seu livro sociologico das «Raças humanas e civilização primitiva», nos encadeasse nos elos do transformismo evolutivo do carroção em carro Ripert? Sabes que elle consagrasse um capitulo áquelle dolmen de castanho--a ara celta do sanguinario Irminsulf dos nossos ferocissimos avós? Nem uma palavra! «Isto faz vontade de morrer!» como disse Alexandre Herculano, muito menos offendido dos ingratos.

_Emfim, Ricardo, esta carta, sobre ser uma confirmação, quasi

posthuma, de fidelidade no affecto a um dos meus mais velhos amigos, deve ser-te não menos agradavel como exemplo consolador de que as vidas mortificadas tem uma compensação--é acabarem com um sorriso. N'este paiz, os bastardos da Fortuna prostituta, se fizeram exame de instrucção primaria, devem morrer com a serenidade de sabios. D'antes, havia a immortalidade da alma e as recompensas eternas como esteio a infelizes sub-lunares. Hoje em dia, aquelles dogmas, especie de _caput mortuum_, não amparam muita gente; mas ha coisa melhor: é a eschola primaria que levanta o discipulo ao nivel da felicidade do professor a tres tostões por dia com dez mezes de atraso. Depois, morre-se de uma anazarca de philosophia com uma ligeira complicação de fome. Assim se explica o grande furor da instrucção nacional que tu, com uma seriedade estranha aos nossos habitos, inspeccionas observantissimamente._

Vai, fiscalisa, evangelisa. Dilata, quanto em ti couber, as celullas conscientes dos hemispherios cerebraes do Alemtejo e Algarve. Dá-lhes um elasterio grande, expansivo, na razão inversa das retracçoens da mucosa do estomago, á qual não chega a tua alçada tonica. Lembra eruditamente aos pedagogos que ninguem se exalça ás glorias do Thabor sem ser arrastado pela Rua da Amargura. Dize-lhes, afinal, que a posteridade, mediante as suas confrarias e os seus dobres a finados, lhes dará brindes de missas geraes em dia de Fieis Defunctos--muito distinctos dos defunctos infieis. E, pelo que me diz respeito, recommenda-me tambem aos suffragios pios da Patria--esta querida mãe interessante, incapaz de tirar de difficuldades um filho vivo: mas, depois, tira-lhe a alma do purgatorio, sendo preciso.

T. C.--S. Miguel de Seide. 6 de dezembro de 1883.

C. Castello Branco.

Gabriel de Mortillet, professor de Anthropologia, publicou, n'este corrente anno (1883), o seu livro _Le préhistorique antiquité de l'homme_. Em mais de uma pagina o sabio professor menciona respeitosamente Carlos Ribeiro, o geologo portuguez, que tão brilhantemente fez as honras da casa lusitana aos congressistas estrangeiros que estiveram aqui a discutir assumptos de anthropologia e archeologia prehistorica.

O general Carlos Ribeiro falleceu em 13 de novembro de 1882. A satisfação de se vêr tão culminantemente inaltecido no livro europeu de Mortillet não a gosou; e pena foi, porque seria essa a mais idealmente querida das suas recompensas. Bem sabem que os premios, os galardões substanciaes que n'este _reinosinho_ _de 90 leguas_, como lhe chamava Garrett, auferem os sabios do quilate de Carlos Ribeiro são por tal modo notorios e fallados que a gente, pelo commum, apenas tem noticia dos taes sabios quando lhes vê o retrato posthumo no _Occidente_.

Estes homens trabalham em segredo como os alchimistas. Na Academia Real das Sciencias conversa-se, uma vez por outra, a respeito d'elles, com uma grande admiração do tamanho dos bocejos. Para os socios velhos a anthropologia apenas tem a caracteristica academica de ser palavra grega, e como tal a reverenceiam; mas ha d'elles que professam, muito pela rama, o _quantum satis_ d'umas sciencias abstruzas que assentam os seus laboratorios para além das fronteiras da historia. É inexacto, porém, que o insigne academico discursasse monologos paleontologicos diante dos seus confrades pouco porosos e assás impermeaveis ás infiltrações da sciencia nova.

Não. Elle tinha socios no martyrio--o Ferreira Lapa, o Thomaz de Carvalho, o Bocage, o Latino Coelho, o Corvo, o Aguiar, os quaes, se não encontraram, como Carlos Ribeiro, vestigios de um ser intelligente nas camadas terciarias, seriam muito capazes de o achar, se o procurassem, o _Anthropopithecus_.

Não se cuide que eu, com o selvagismo de um minhoto sem litteratura, pretendo molestar os hereditarios joanêtes da Academia. Nego. Os meus joanêtes de socio correspondente acham-se tambem compromettidos. Considero a Academia Real uma arca da sapiencia humanal, de reserva para a catastrophe de um diluvio de ignorancias eminentes. Respeito-a como um banco das nossas riquezas espirituaes, banco sem transacções, com accionistas todos de prenda, dando-se ares de estar sempre em liquidação; mas não liquida. Se não vive muito ao sol ardente que refunde o velho mundo, tem a vitalidade sombria do obituario. Quando um socio vae continuar na vida eterna o somno das suas sessoens, os confrades vivos gemem-lhe o elogio funebre, uma Nenia em periodos redondos, _ore rotundo_, na prosa da fundação do estabelecimento; em seguida, recolhem-se a brunir velhos adjectivos e a escovar algumas metaphoras de fivellas e rabicho, para a necrologia de um futuro confrade morto. De resto, muito mais modestos que justos juizes dos seus productos, os academicos, quanto ao estipendio das suas lucubraçoens, são mais abstemios que os anachoretas da Thebaida, e fazem livros mais em conta do que Santo Antão e S. Pacomio faziam balaios. Elles desdenham briosamente a cubiça gananciosa dos quarenta immortaes assalariados da Academia franceza; mas prelibam com delicias a justiça posthuma, o galardão do elogio funebre--esta rica moeda portugueza incorruptivel em que não entra a liga do oiro vil.

Tornando ao _Anthropopithecus_. Toda a gente sabe o que é, na Prehistorica, o _Anthropopithecus_; mas eu não me dispenso de fallar d'este sujeito que nos precedeu ha 240:000 annos, pouco mais ou menos. Supponho que não serei desagradavel ás Senhoras menos lidas em anthropologia, para as quaes os vocabulos _pliocene_ e _miocene_, o _mammifero primata_, o _prognatismo_ são as jaças do limpido diamante da sua erudição.

Mortillet, com bastante logica e com lucidissima observação mais convincente que a logica, affirma que o homem quartenario primitivo era algum tanto differente do homem actual. O craneo do nosso antepassado das cavernas differe consideravelmente do craneo do leitor. O illustre professor de anthropologia é, portanto, obrigado a concluir que os animaes intelligentes que petiscavam lume e lascavam pedras na época terciaria não eram homens na accepção geologica e paleontologica da palavra; mas sim animaes de outro genero, _precursores do homem_, na escala dos seres. A este precursor, intermedio ao anthropoide conhecido e ao homem actual, chamou Mortillet um _Anthropopithecus_. Claro é que a especie humana conhece o avô, o _anthropoide_; mas não conhece o pai. Orfan e posthuma, a desgraçada!

Carlos Ribeiro havia descoberto nas margens do Tejo o silex lascado em terrenos terciarios e quartenarios, accusando um trabalho intencional e intelligente no animal precursor do homem. No Congresso Internacional de Bruxelles (1872), duvidaram, mórmente o douto Bourgeois, que nos exemplares expostos por Carlos Ribeiro houvesse trabalhos intencionaes que provassem a existencia de um individuo capaz de petiscar lume e lascar pedras na época terciaria. A favor do sabio portuguez apenas se insurgiu a opinião auctorisada de

mr. Franks.

Na exposição internacional de Paris (1878) o nosso geologo apresentou os exemplares, entre os quaes Mortillet apartou 22 com vestigios irrefutaveis de trabalho intelligente. Cartailhac abundou no parecer do seu collega e de outros especialistas.

Afinal, Carlos Ribeiro triumphou desassombradamente quando os congressistas na obra de Monte-Redondo, em Ota, confirmaram em novos exemplares a sua opinião refutada em Bruxelles. Desde então, nos annaes da anthropologia e prehistoria foi assignalada como irrefutavel a existencia do Anthropopithecus em Portugal. Era o terceiro. Bourgeois tinha explorado um em Thenay. Em honra do inventor, esse vestigio do animal intelligente anterior ao homem chamou-se _Anthropopithecus Bourgeoisii_. Mr. Rames achára o segundo em Cantal, o qual foi chamado _Anthropopithecus Ramesii_. O de Portugal, descoberto por Carlos Ribeiro, recebeu o glorioso nome _Anthropopithecus Ribeiroii_.[1]

Uma observação caturra ao sabio Mortillet: Este genitivo alatinado e ligeiramente macarronico, _Ribeiroii_, parece pertencer tambem á época terciaria, á prehistorica da lingua de Plinio, o moço. _Ribeiroii_ em genitivo indica o nominativo _Ribeiroius_. O extremado anthropologista devera ter escripto _Anthropopithecus Riberii_, ou, mais euphonico, _Ribeirensis_. Espero e ouso pedir aos futuros congressistas que adoptem esta errata, afim de que o nome glorioso do nosso concidadão não vá latinamente deturpado pelas edades fóra.

Posto isto, a leitora naturalmente deseja saber que figura tinha o _Anthropopithecus_. Os sabios não satisfazem cabalmente a curiosidade de sua excellencia. Calculam apenas que elle era muito

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com